

NOTAS SOBRE O ESTUDO DE IMAGENS MIGRANTES EM “LA MEMORIA DECAPITADA”

Pablo Sebastian Moreira Fernandez - Universidade Federal de Goiás - Goiânia – Goiás – Brasil
pablosmf@hotmail.com

Início de trajeto... as imagens de migrantes e as metrópoles

Esta nota de pesquisa apresenta considerações e reflexões introdutórias sobre a viagem e a migração enquanto experiência e fenômeno geográfico – espacial, territorial e imagético – passíveis de serem acedidos e interpretados, que se revelam em imagens. Tomamos como objeto de análise a exposição audiovisual “La memoria decapitada: estéticas del desarraigo” para um exercício de leitura das paisagens migrantes na cidade de Medellín. Esta exposição, que é desdobramento de um projeto de reurbanização em zonas de alto risco na cidade de Medellín, promovido pela Alcaldia, Meio Ambiente de Antioquia e Universidade Nacional da Colômbia, constitui-se como uma trilha audiovisual que apresenta um processo migratório de tipo doloroso: o “desplazamiento”, que indica na paisagem da metrópole a expulsão do lugar de origem pela violência dos conflitos armados no interior da Colômbia.

Partimos de leituras, estudos, trabalhos de campo, participação em eventos sobre a temática migração e metrópoles, que vem se desenrolando no projeto “GOIÂNIA: Práticas Socioculturais de uma Metrópole Regional? Norma e Vida em Contraponto”.¹ Neste projeto, tem-se procurado caminhos na Geografia que deem conta de questões ligadas às metrópoles: a subjetividade e a experiência urbana, a corporeidade e outros temas, como as migrações, as trajetórias, as paisagens e os lugares no mundo contemporâneo.

É importante neste percurso compartilhar alguns estudos importantes para construir uma leitura das metrópoles vista pela ótica das imagens migrantes, referências que têm sido fontes de enormes contribuições à nossa pesquisa. A questão da metrópole, da migração e da mobilidade, entendida a partir de uma abordagem social, cultural, corporal, geográfica e imagética, é analisada nos estudos realizados por Chaveiro (2001) sobre Goiânia, em que, partindo do processo de urbanização da cidade e da

construção de imagens e de subjetividades, revela uma cultura em conflito entre o rural e a modernidade. As recentes publicações organizadas por Maria Geralda de Almeida (2009a; 2009b) trazem novos sentidos aos temas associados à migração e à identidade, tratando a cultura como dimensão inserida em novos fenômenos territoriais no contexto do Brasil e da América Latina. Um de seus artigos foca o retorno de migrantes dos EUA para Goiás, questionando se o “migrante de retorno” viveria ambigualmente entre culturas, lugares e territórios distantes (Almeida, 2009b, p. 208-218).

Remetemos ainda à tese de Marandola Jr.(2008), que constrói, nas instâncias da Geografia, uma leitura humanista sobre a experiência do habitar em risco a Região Metropolitana de Campinas (SP). Ainda sobre a experiência urbana, citamos a obra que destaca “o caminhar pelo Centro Velho de Campinas”, escrita por Fernandez (2008), que, habitando e construindo imagens fotográficas, configura o lugar habitado por sujeitos migrantes no espaço da metrópole.

No exercício de leitura dos fenômenos migratórios que marcam a Colômbia, destacamos a produção teórica do grupo de pesquisa “Territorialidades”, vinculado à Universidade de Caldas, Colômbia. Dentre a produção do grupo, ganha importância o estudo de Beatriz Nates Cruz (2009), que trata da migração dos campos para as grandes cidades, impulsionadas pela gentrificação e inserção de lugares rururbanos em grandes projetos de urbanização, considerando estes lugares a partir de valores estéticos e simbólicos no espaço urbano.

Em busca de imagens migrantes na metrópole

Utilizamos a viagem, tomada como experiência geográfica, em busca de imagens que subsidiassem a interpretação de um processo migratório marcante na Colômbia. Essas imagens, que servem como entradas para a paisagem, foram coletadas de materiais “escritos” – jornais, cartazes de manifestações e panfletos de ONGs, Associações, Coletivos, materiais de campanhas políticas, turismo e comércio –; de falas obtidas nos programas jornalísticos e de entretenimento (novelas e filmes de ficção) da televisão aberta, documentários e conversas surgidas em encontros; e de fotografias, internet, exposições e produção digital.

As imagens foram se agrupando em torno da temática associada às migrações para as metrópoles. Deste tema, fomos lançados ao termo de

“desplazamiento forzado”, utilizado na Colômbia para designar o processo de expulsão de um sujeito de seu lugar de origem, neste caso, as regiões camponesas. Uma informação encontrada no Boletim da Consultoria para os Direitos Humanos da Unesco, de 1996, é emblemática para evidenciar a relevância do tema, pois na Colômbia, a cada três horas, quatro famílias situadas nas zonas rurais do país são intimadas a sair por ação ou decisão dos diversos atores armados que atuam no interior, nos territórios em conflito (Piedrahita, 2007, p.68). Tal informação é relevante por revelar as circunstâncias em que acontecem as viagens destes migrantes marcadas pela violência e pela necessidade de apagamento da memória.

“Desplazamiento forzado” na Colômbia: motivações da migração para a metrópole

A palavra “desplazamiento” em espanhol significa literalmente “ir de um ponto a outro”. O radical *des* também compõe a estrutura semântica do conceito de deslocamento. “Desplazado”, assim, designa o grupo de pessoas forçadas ou obrigadas a escapar ou fugir de seu lugar de residência habitual, com o intuito de evitar os efeitos de um conflito armado, da violência generalizada, de violações dos direitos humanos (Piedrahita, 2007, p. 85).

Segundo alguns órgãos internacionais como a Unesco,² a Colômbia possui um processo migratório forçado, motivado pela ação de grupos armados que criam situações violentas: ameaças, assassinatos e massacres, torturas e desaparecimento de familiares ou amigos, sequestros ou recrutamento forçado, instalação de minas terrestres. Essas ações tornam a sobrevivência no campo e nas zonas de conflito muito difícil e perigosa.

Essa violência não é praticada exclusivamente por um único agente (como alguns discursos presentes na mídia enfatizam), mas gerada pelo confronto armado entre Forças do Exército e outros grupos: o Departamento Administrativo de Segurança (DAS), grupos de Autodefesa ou Paramilitares, grupos guerrilheiros (FARC e ELN) e Narcotráfico.³

Os confrontos ganharam força nos últimos 30 anos e tem-se dado em áreas rurais, seja pela posse de terras pela grande fazenda de monocultura ou pela especulação imobiliária; seja pelo empoderamento de territórios pelos agentes da violência no campo. Desenrolam-se na forma de conflito armado e adquirem valor geopolítico, repleto de interesses econômicos e políticos, que se expressa no uso dos recursos naturais, no controle das

fronteiras regionais e nacionais, na expansão da agropecuária ou de locais de produção e no contrabando de drogas e outras mercadorias.

Diante deste cenário, as grandes cidades surgem como lugares seguros, uma vez que, militarizadas, são tidas como espaços protegidos, mesmo nas periferias, áreas de risco e espaços em disputa. Nestes lugares metropolitanos, como Medellín, Cali ou Bogotá, e também em cidades médias que são referências regionais (Martín-Barbero, 1998, p. 55), é que estes grupos expulsos de seus lugares tentam encontrar alguma estabilidade, mesmo que os riscos aí enfrentados sejam similares ou maiores que os da terra deixada.

O mapa do censo que revela a mobilidade interna e os fluxos migratórios no país (Dane, 2005) mostra o direcionamento destes movimentos para os grandes centros, o que hoje preocupa planejadores urbanos e gestores. Esta cifra de migrantes tem aumentado de modo expressivo por abarcar ex-combatentes, novos refugiados, armisticiados ou desertores destes conflitos, o que configura um novo personagem dessas migrações internas. Alguns destes novos refugiados, que foram algozes e violentadores de camponeses expulsos anteriormente, tendem a se reencontrar nas periferias e lugares de chegada, recriando na cidade espaços de descontrolo e violência. Esse fenômeno traz a insegurança, antes situada mais propriamente no campo, para as grandes cidades, fazendo surgir um sentimento curioso: grande parte destes desplazados pelo conflito armado no campo prefere permanecer nos lugares precários da chegada a desenvolver qualquer tentativa de retornar ou, ainda, de procurar novos territórios.

Esta migração forçada torna-se uma viagem conflituosa repleta de imagens, pois ao mesmo tempo em que implica na reconstrução da casa, por meio das memórias da terra natal, ela deverá ser esquecida, pois se transformou em recordações de medo e de dor. O lar está destruído e só pode ser reconstruído na fragilidade, com madeira e lona, em encostas de grande inclinação ou em terreno movediço. A casa significa não só a perda da segurança, mas o abandono do que lhe pertenceu por gerações, numa espécie de mutilação dos vínculos com a terra, o que produz imagens precárias.

“La memoria decapitada” como expressão de experiências migrantes

Para construir uma metodologia de acesso às imagens migrantes, é preciso levar em conta quais são as linguagens possíveis para expressar esse fenômeno vivido, ou seja, para interpretar a imagem da viagem

construída por estes migrantes. Lidar com um fenômeno migratório repleto de violência torna-se um desafio, quando se quer encontrar as formas de decodificar estas imagens associadas a uma saída forçada. Qual seria o modo adequado de ouvir ou ver o silêncio destes corpos silenciosos? Como imaginar suas memórias e lembranças ruins? Elas devem ser apagadas? Como dar voz ao sentimento de perda e de impotência diante do abandono de um lugar signifiante: a terra dos pais, dos ancestrais, o lugar da infância, do sustento da comunidade?

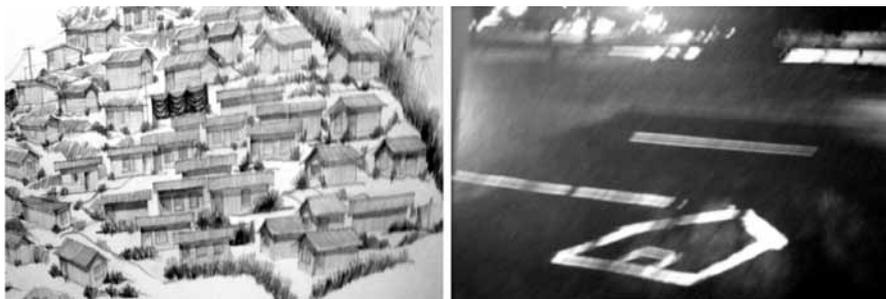
A exposição audiovisual “La memoria decapitada: estéticas del desarraigo” torna-se elemento e mote para esta discussão, pois traz um conjunto de imagens sobre a situação desses desplazados que hoje habitam a metrópole de Medellín como elemento e fenômeno a serem interpretados. Considerando-se o atual lugar em que vivem esses sujeitos (as periferias e zonas de risco), tentou-se relacionar as imagens apresentadas com dados estatísticos, resultados de outras pesquisas, croquis, perfis planialtimétricos, mapas de migração e origem, dados de recenseamento, brinquedos, fotografias (tanto paisagens como retratos), poemas e desenhos, vídeos, narrativas e falas gravadas. Outra questão poderia ser apresentada: seria este lugar de encontro e estranhamento institucionalizado um lugar de aprisionamento e de normatização das singularidades e imagens migrantes?



Trecho da exposição audiovisual “La memoria decapitada”, realizada no Museu da Universidade Nacional da Colômbia.

Foto de Pablo Fernandez, 2010.

Ao percorrer esta exposição audiovisual pode-se realizar um trajeto pelas vielas de uma “favela”, com seus horizontes recortados, emaranhados de fios, sua diversidade de casas, que expressam criatividade e inventividade ao habitar a precariedade. Junto desta “quebrada”, como que num inventário urbanístico, encontramos esboços de técnicas de construção tais como: pilotes e palafitas, paredes com lonas de propaganda, trincheiras com sacos de areia, caixas d’água feitas de pedra, e até uma luminária de cristal pendente de um barraco de madeira. As formas aí encontradas revelam que certas experiências (como a migração) são também um tipo de reinvenção do mundo, já que para o novo lugar a ser habitado o migrante traz uma carga de conhecimentos de viagem.



Detalhes: 1) A diversidade dos desenhos de moradia em área de risco; 2) “La casa es, para todo individuo, um simbolo protector, refugio, y forma de resistencia al medio externo, abierto” (Piedrahita, 2007, p. 26).

Ainda no percurso um guarda-roupa de lona se desvenda ao olhar e ao ouvido, pois ao adentrá-lo, surge um conjunto de relatos gravados a dizer dos percursos realizados após serem arrebatados de seus lugares. São crianças, velhos, mulheres e homens a rememorar suas histórias e a descrever a bagagem trazida junto. Outras imagens tornam-se emblemas deste processo: uma fusão entre prédios, armas e guarda-roupas; uma casa pintada sobre o asfalto, um conjunto de desenhos e textos que brincam com o jogo de palavras: MAS ACRES – MASSACRES. Caixotes, frestas, luzes baixas tentam criar ambiências de intimidade, mas o que se vê é a ausência disso, pois permanece a contradição do cotidiano com o que é público.

Caminhos e possibilidades no estudo de imagens migrantes

Conceber a exposição audiovisual como ponto de partida e forma que conduz a imaginação, que articula linguagens e produz conhecimentos sobre o espaço, foi a primeira atitude metodológica adotada nesta nota de pesquisa, que buscou compreender certas imagens migrantes. A exposição audiovisual foi o caminho percorrido pelo pesquisador, que, como em uma viagem, aproximou o olhar dos objetos e, utilizando as linguagens da Geografia, estudou imagens, buscando sentidos e movimentos. Ao geógrafo é necessário empreender a leitura, a escrita e se deixar conduzir por falas e silêncios sobre o mundo, percorrendo determinados lugares narrativos e narrados, como este que foi construído a partir de um lugar geográfico, social e humano: a periferia migrante da grande cidade de Medellín, na Colômbia.

O estudo da migração, no caso específico desta nota, relacionada ao contexto colombiano dos “desplazamientos forzados”, torna-se uma possibilidade de conhecer certas imagens e lugares migrantes, para pensar e compreender as cidades, conhecer os modos de vida e trabalho que aí são desenvolvidos, acolher, propor políticas públicas que atendam a esses grupos. Assim, pode-se afirmar que a linguagem audiovisual constitui também um modo de experimentação e de construção de saberes, conhecimentos, afetos, o que exige metodologias capazes de reconhecer certas marcas subjetivas impressas na paisagem.

A proposta de experiência viajante como meio de aproximação e de sistematização de um estudo das imagens migrantes apresenta-se como busca desta tese. Compreender a viagem como processo pleno de conhecimento, procurando reconhecer semelhanças, ausências, na proposição de um encontro com lugares desconhecidos, difíceis de narrar, feitos com imagens interiores, íntimas, que por vezes se revelam como memórias e dor, como lembrança dos anseios vividos em percursos instáveis, é a intenção deste exercício metodológico.

Todavia, o estudo destas imagens migrantes leva a concluir que a exposição audiovisual não permite efetivamente uma experiência migrante: ela apenas indica caminhos ao pesquisador em seu encontro com as expressões apresentadas na forma de linguagem audiovisual. A articulação desta linguagem, na contemporaneidade, permite novas possibilidades de descoberta e conhecimento de mundo, de produção de geografias e refle-

xão política. Como linguagem feita de imagens, que hoje se multiplicam e se tornam simultâneas aos acontecimentos, ela adquire veracidade e revela lugares e paisagens de trânsito na contemporaneidade, apresentando-se como tema de investigação, texto a ser lido pela Geografia da viagem.

Notas

- 1 Pesquisa orientada pelo Prof. Eguimar Chaveiro, parte integrante de um projeto maior intitulado “Cidades e Práticas Espaciais: diferentes dinâmicas em metrópoles brasileiras nacionais e regionais”, realizado no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Universidade de São Paulo.
- 2 Consultoria de los Derechos Humanos y Desplazamiento (CODHES), vinculado à UNESCO.
- 3 A CODHES, em 2006, indicando o número de autores e agentes da violência para um número total populacional de 1.896.160 deslocados, chegou aos seguintes dados: Grupos Guerrilheiros: 260.805 deslocados; Autodefesa ou Paramilitares: 121.010; Forças Militares: 7.392; Força Pública: 83; Outros agentes: 56.859. Dados obtidos em www.codhes.org.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). O sonho da conquista do Velho Mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do viver entre territórios. In: ALMEIDA, M. G.; CRUZ, B. N. (Org.). *Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais*. Goiânia: Funape/UFG; Manizales: Universidad de Caldas, 2009a.

ALMEIDA, Maria Geralda de. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). *Territorialidades na América Latina*. Goiânia: UFG/Funape, 2009b.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, uma metrópole em travessia*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

COLÔMBIA. Departamento Administrativo Nacional de Estatística (Dane). Censo 2005. Migración Interna Municipal. Disponível em: www.dane.gov.co.

FERNANDEZ, Pablo S. M. *Narrativas urbanas de um caminhante*. Dissertação (Mestrado em Educação). FE/UNICAMP: Campinas, SP, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. Tese (doutorado em Geografia). IG/UNICAMP: Campinas, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade Virtual: Novos cenários da comunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 1 1: 53 a 67, jan./abr. 1998.

NATES CRUZ, Beatriz. Desterritorialización, centro-periferia, lugar no lugar: reflexiones desde la antropología del territorio. In: ALMEIDA, M. G.; NATES

CRUZ, B. *Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais*. Goiânia: Funape/UFG; Manizales: Universidad de Caldas, 2009.

PIEDRAHITA, Lucrecia. *La memoria decapitada: espacio y estética en los asentamientos de desplazados en la ciudad de Medellín*. Medellín: IDEA, 2007.

PIEDRAHITA, Lucrecia (Curadoria). *La memoria decapitada: estéticas del desarraigo* (Exposição). Museu Nacional de Bogotá, fevereiro de 2010.

Pablo Sebastian Moreira Fernandez - Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e atualmente é Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás.

Recebido para publicação em junho de 2010

Aceito para publicação em setembro de 2010